

Os ideais de leitura e estética lobatianos em *A Barca de Gleyre***Sirlene Cristófano****Faculdades de Letras da Universidade do Porto – FLUP**

Resumo: Este estudo tem por objetivo discutir sobre o ideal de Monteiro Lobato, que propugnava por uma língua do Brasil analisando-se referências aos autores estrangeiros, em especial aos portugueses, encontradas em *A Barca de Gleyre*. Muitos autores trataram da língua nacional, mas nenhum com atitude tão nacionalista como Lobato. Revelando-se a favor de um modelo de língua adaptado à realidade brasileira, pauta-se nos grandes autores estrangeiros, entre eles portugueses, numa tentativa de assimilar a influência, processá-la e produzir o “nosso” uso. Essa convicção fará dele grande leitor dos portugueses movido por admiração apaixonada pela língua portuguesa.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Literatura; Identidade linguística.

Abstract: The objective of this communication is to discuss about Monteiro Lobato's goal, who defended a Brazilian language analyzing references to the foreign authors, specially to the Portuguese, found in *A Barca de Gleyre*. Many authors cared about the national language, but none of them had such a sui generis attitude as Lobato. Being for a model of language adapted to the Brazilian reality, he founds on the foreign authors, trying to assimilate the influence, process and produce "our" use. This conviction will make him a great reader of the Portuguese authors.

Key words: Monteiro Lobato; Literature; linguistic identity.

A Literatura: mitos, histórias, contos, poesias, qualquer que seja a sua forma de expressão é uma das mais nobres conquistas da Humanidade: a conquista do próprio homem. É conhecer, transmitir, comunicar a “aventura do ser”. Evidentemente a origem da Literatura é única: a necessidade de transmitir ideia, mensagens, sentimentos e emoções, através da linguagem falada, criando assim, a tradição oral o que mais tarde vem a denominar-se folclore. Foi a partir do século XIII, com o “*Gesta Romanorum*”, que o folclore entrou para a literatura e a Itália foi o seu berço, com um copioso material, propagando-se aos poucos por toda a Europa. Em Portugal aparece pela primeira vez em 1875, num artigo de Adolfo Coelho, sobre “elementos tradicionais de Literatura”, na *Revista Ocidental de Lisboa*.

Se Literatura é toda a manifestação artística do pensamento, podemos então classificá-la em dois tipos: a literatura culta, polida, que é a escrita; e a literatura popular, inculta, que é a oral, através da tradição, que passa do povo para o povo e que assim denominamos folclore. Em cada país o folclore varia, como a língua e os caracteres. A mitologia folclórica brasileira é sem dúvida, uma das mais ricas, pela influência que recebeu através do intercâmbio dos povos, que por diversas razões habitaram as terras brasileiras e tem sido fonte abundante dos contos infantis.

Portanto, todo folclore brasileiro provém, evidentemente, das três raças formadoras da nossa: portuguesa, africana e indígena. “ [...] *tendo a Literatura sua base no folclore, todas são regionais, porém, seus autores são universais* [...]” (CARVALHO, 1982, 230). Partindo deste ponto, podemos dizer que Monteiro Lobato assim foi: um dos mais brasileiros escritores nacionais, mas cidadão do mundo, consagrado como o criador do grande mundo da criança. Não podemos falar em Língua, Literatura e folclore brasileiro, sem falarmos de Monteiro Lobato. Podemos dizer que, as obras do referido autor foi um poderoso veículo de educação, de cultura e de formação de uma identidade linguística e literária do povo brasileiro. E dizemos que Lobato é um dos mais brasileiros dos escritores nacionais, porém cidadão do mundo, porque para ele, na escrita para a criança não há limites, não há fronteiras, há somente a criança e seu mundo, o seu universo.

Lobato foi um grande leitor de lendas vindas do folclore português, como *A Lagoa Santa; A Penha; Flor do Dia; Pastorinha; Lendas de Miosóti; Cravo Branco; o Cravo e a Rosa*, entre outras, (re)cria e forma a criança por meio de sua obra infantil, pois a sua criação é uma enciclopédia de todas as grandes obras universais da literatura infantil e juvenil. E foi o que ele fez também em sua literatura para adultos: criou uma nova literatura nacional, com um patriotismo autêntico, sincero, com um brasileirismo consciente repleto de sentimento de nacionalidade.

Entretanto, podemos dizer que Monteiro Lobato não buscou somente o ideal por uma literatura nacional, mas também buscou o ideal por uma identidade linguística brasileira. Por meio da obra *A Barca de Gleyre*, publicada em 1944, temos a possibilidade de conhecer Monteiro Lobato como um crítico literário que sempre esteve a frente de sua época. Nesta obra são apresentadas algumas declarações de Monteiro

Lobato relacionadas à literatura infantil e também ao seu elo com o público leitor através das cartas.

A partir dos anos 40, Monteiro Lobato intensifica esse assunto nas cartas com o amigo Godofredo Rangel, nas quais exemplifica e aprofunda o assunto ao transcrever as cartas recebidas. Lobato, respeitando a privacidade e identidade dos remetentes, apresenta-as como depoimentos de recepção da sua obra.

A obra *A Barca de Gleyre* possibilita-nos ter acesso a impressões sobre os ideais de leitura e estética de Lobato. Portanto, a obra dá-nos um caminho dos trabalhos desenvolvidos pelo escritor, no que diz respeito às suas relações com a língua portuguesa até culminar com o ideal de uma língua brasileira. A obra refere-se ao período de alheamento, com relação ao aprendizado da língua portuguesa em 1903; sobre a introdução da literatura portuguesa às suas leituras estrangeiras, em 1909, culmina a preocupação com o aprendizado da língua portuguesa através da literatura, em 1915; em 1917, mostra sinais de negação da gramática portuguesa e ainda em 1921, cria a língua denominada «Brasilina».

Lobato, o “homem de letras”, mesmo defendendo uma língua nacional, mostrava-se enlevado com a literatura universal e em uma de suas cartas, em 15/12/1906, confessa a seu amigo Rangel que faz demasiada leitura em língua estrangeira, como David Corazzi, Dickens, Poe, Balzac, Byron, Bocage, Camões, Karr, Fontenelle, Collins, Voltaire, o que classificava como “pura mina”.

O escritor, numa tentativa de revelar-se a favor de uma base de língua à ser adaptada à realidade brasileira, pauta-se de grandes autores estrangeiros, para assim, adquirir tal influência e adaptá-la num uso unicamente brasileiro. Através desta busca por uma identidade linguística, Lobato, além de autores ingleses e franceses, lê também grandes autores portugueses, entre eles, Camilo Castelo Branco. Essa incansável busca e leitura era motivada por grande admiração, mas também por um olhar bastante crítico, como podemos perceber respectivamente a seguir:

Se Camilo houvesse dito: Uma coruja piou no galho seco de uma árvore, eu teria deixado no barranco esse ninho de beija-flor. O “berrou” é que me seduziu. Toda vida, para toda gente, as corujas piam – só em Camilo aparece uma que berra. Lindo! [...] Eu continuo a não achar salvação fora de Camilo, a ponto de não conseguir ler Os Maias. (Lobato, Tomos I e II, 1964).

A partir de 1915, Monteiro Lobato realça além de Camilo Castelo Branco, outros autores portugueses, como Fialho de Almeida, Alexandre Herculano, Eça de Queiroz, além do Frei Luiz e Souza, numa admiração evidente pelo português.

A leitura das obras de Camilo Castelo Branco foi sem dúvida, a responsável epifania de Lobato pela língua Portuguesa. Em *Urupés* (1918), uma das obra-primas de Monteiro Lobato, evidenciamos a grande revelação da admiração do escritor pela língua portuguesa, a qual serviu de inspiração para os seus textos jornalísticos. Lobato classifica Camilo Castelo Branco como o escritor português modelo da língua portuguesa. Para ele,

Camilo é a maior fonte, o maior chafariz moderno donde a língua portuguesa brota mijadamente, saída inconscientemente, com a maior naturalidade fisiológica”. E ainda o escritor acrescenta ter “a impressão de que os outros *aprenderam* a língua e só Camilo a *teve ingênita* até no sabugo da unha de todas as células de seu corpo. (Lobato, Tomos I e II, 1964).

Numa de suas cartas a seu amigo Rangel, em 1909, Lobato coloca Camilo à esquerda de Frei Luiz de Souza, classificando-o como o expoente maior da língua e em 1910, enaltece-o e mostra sua indignação ao português praticado no Brasil:

Leio e penetro-me de Camilo, ensaboo-me com as riquezas do maior sabedor da língua daquém e d'allém mar [...] e, com a “descoberta” que fiz do que realmente é a língua portuguesa, espanto-me do atrevimento da filha bastarda que vingou vicejar nestas paragens, tomou-lhe o nome e vive a dar-se como sua sucessora! (Lobato, Tomos I e II, 1964).

Monteiro Lobato considerando estar influenciado por outras literaturas estrangeiras e acreditando poder sanar todas as interferências sofridas após um longo e grande período de estudo da língua portuguesa, escolhe Camilo como via para a “tal cura”:

[...] do estilo padrão mais em moda que desfecha no estilo do jornal: Camilo não é clássico no sentido gramaticóide do termo [...]. Convidei-te para o passeio através de Camilo como remédio contra o estilo redondo dos jornais que somos forçados a ingerir todos os dias. Camilo é o laxante. Faz que eliminemos a “redondeza”. É a água limpa onde nos lavamos dos solecismos, das frouxidões do dizer do noticiário [...]. Camilo nos “desabusa”, como aos seminaristas tímidos um companheiro desbocado. Ensina-nos a liberdade de dizer fora de qualquer fôrma. Cada vez que mergulho em Camilo saio lá adiante mais eu mesmo – mais topetudo. (Lobato, Tomos I e II, 1964).

Portanto, as leituras de Camilo não seriam elementos para realce, ao contrário, sua influência seria um meio, para a busca da manutenção da identidade de Lobato, atribuindo assim, a presença camiliana, não mais em pedaços de seu texto, mas como um simples e puro estilo lobatiana. Sobre a escrita camoniana Lobato por muitas vezes admirou o uso dos adjetivos, além da linguagem enxuta e do estilo substantivo:

Não há ali células de gordura. Nada balofo, só durezas [...] Temos aqui [num trecho extraído de Boémia do Espírito] 13 adjetivos para 198 palavras – 6%! Não pode haver linguagem mais virilizada, mais enxuta, mais ossos e nervos – e gordura nenhuma. Nada amolengante. Lembra vergalho de boi estorricado ao sol. Só 13 adjetivos e todos matematicamente exactos. (Lobato, Tomos I e II, 1964).

Devido a confusões políticas, a alguns traumas pessoais, além da dura crítica às suas leituras, Monteiro Lobato, nos anos seguintes de sua fantástica carreira como escritor, passou então, conforme já nos referimos, a escrever obras destinadas para as crianças, o que o imortalizou como o grande escritor brasileiro de literatura infantil.

Encontra-se ainda nas cartas enviadas a Rangel, elogios de Lobato à Língua Portuguesa, ao comentar o lindo e claro estilo do “Português de Portugal”, alegando valer a pena ler as obras portuguesas, mesmo que seja só pelo português. Ainda num outro momento afirma:

[...] nós não sabemos esta maldita língua, Rangel, e manejamos achavascadamente, plebeiramente, um barro, um caolim de primeira, com o qual se podem modelar as mais leves e finas coisas. Só agora ando alcançando a extensão do meu erro nesse ponto. Até aqui me repastei, quase que exclusivamente no francês, e “ouvia falar” da “língua de Frei Luiz de Souza”. Meu português era o caseiro e do jornal. E eu ficava de olho grande [...] Parei com minhas leituras de língua estrangeira. Não quero que nada estrague minha lua-de-mel com a língua lusíada [...] (Lobato, Tomos I e II, 1964).

Assim, Lobato abandona os estudos gramaticais e passa a se dedicar ao aprendizado da língua. Inicia-se, portanto o sonho de Lobato com uma língua “nossa”, pois segundo o escritor, “*a língua pátria já não é propriamente a língua lusa de Portugal – é a sua filha brasileira*” (Monteiro Lobato, 1921a). Esta busca por uma identidade própria da língua brasileira culminará com a *brasilina*, denominação usada pela primeira vez, em 1922, ao comentar sobre o dialeto caipira de, A. Amaral:

E a velha língua-mãe, que cá vige mas não viça, abdicará de vez na filha espúria que hoje renega, e desconhece, e insulta como corruptora da pureza importada. [...] E sinhazinha Brasilina não tem pressa (Monteiro Lobato, 1921b). A ideia da brasilina reaparecerá em Emília no país da gramática (lançado em 1933): A parte de lá – explicou o rinoceronte – é o bairro antigo, onde só existiam palavras portuguesas. Com o andar do tempo essas palavras foram atravessando o mar e deram origem ao bairro de cá, onde se misturaram com as palavras indígenas locais. Desse modo formou-se o grande bairro da Brasilina.(Monteiro Lobato, 1973).

CONCLUSÃO:

Após meio século da língua portuguesa em terras brasileiras, registramos a constatação por Lobato à 500 anos atrás:

A nova língua, filha da lusa, nasceu no dia em que Cabral aportou no Brasil. Não há documentos, mas é provável que o primeiro brasileirismo surgisse exactamente no dia 22 de Abril de 1500. E desde então não se passou um dia, talvez, em que a língua do reino fosse na colónia infiltrada de vocábulos novos, de formação local, ou modificada na significação dos antigos. Hoje, após quatrocentos anos de vida, a diferenciação esta caracterizada de modo tão acentuado, que um camponês do Minho não compreende nem é compreendido por um jeca de São Paulo ou um gaúcho do sul. Quer isto dizer que no povo – e a língua é criação puramente popular – a cisão já está completa. Nas classes cultas a diferença é menor, se bem que acentuadíssima, sobretudo na pronúncia e no emprego das palavras novas (Monteiro Lobato, 1921b).

De acordo com Borges (1999: 40), no seu ideal de brasilidade, ao perceber que a língua brasileira encontrava-se já completamente estabelecida na fala do povo, Lobato acreditava que, para estabilizar a aversão ocorrido na língua portuguesa, necessitaria dar status literário, à “nova língua portuguesa”: a língua falada no Brasil. Essa perspectiva de reconhecimento de normas distintas concretizou-se somente anos mais tarde, com a substituição do padrão literário tradicional por outro mais próximo da nossa realidade cultural e linguística utilizadas por nossos modernistas em suas respectivas obras. De fato, Monteiro Lobato, importante escritor, mas acima de tudo grande leitor, buscou uma identidade linguística/literária brasileira através das várias influências literárias portuguesas e foi sem dúvida, um cidadão brasileiro com verdadeiro espírito de nacionalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, M.Z. Exactidão e liberdade na linguagem de Monteiro Lobato. *Todas as Letras*. Revista da FLE. São Paulo: Editora Mackenzie, v.1, n.1., 1999.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de Carvalho. *Literatura Infantil*. São Paulo: Editora Edart, 1982.

LOBATO Monteiro, J.B. *Gramática portuguesa*. In: *Crítica e outras notas*. São Paulo: Brasiliense, 1921a.

_____ *Onda verde*. São Paulo: Brasiliense, 1921b.

_____ *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____ *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense. Tomos I e II, 1964.

_____ *Emília no país da gramática*. São Paulo: Brasiliense, 1973.